

A vitória e a posse de Bolsonaro e Lula nos editoriais

The victory and presidential inauguration of Bolsonaro and Lula in editorials



Revista Compolítica
Ano 2024, v.14, n.2
compolitica.org/revista
ISSN: 2236-4781
10.21878/compolitica.2024.14.2.714

Daniela Drummond

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ)
[State University of Rio de Janeiro (IESP-UERJ)]

Francieli Manginelli

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ)
[State University of Rio de Janeiro (IESP-UERJ)]

Lidiane Rezende Vieira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ)
[State University of Rio de Janeiro (IESP-UERJ)]

Resumo

O objetivo principal deste artigo é analisar o posicionamento expresso nos editoriais dos jornais Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo e O Globo no período imediatamente posterior ao resultado das eleições brasileiras de 2018 e 2022, que elegeram Jair Messias Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva, respectivamente. A escolha desses momentos tem a ver com a prática já estabelecida dos editorialistas se posicionarem perante a nova gestão que se inaugura. Escolhemos analisar somente os editoriais, pois são nesses textos que estão expressos os posicionamentos dos jornais. A metodologia adotada é a análise de enquadramento. Foram analisados 127 editoriais. Nossa hipótese de trabalho relaciona diretamente o tratamento recebido pelos presidentes eleitos ao posicionamento ideológico de cada um deles.

Palavras-chave: Jornalismo Político; Editoriais; Eleição presidencial.

Abstract

The primary objective of this article is to analyze the positions expressed in the editorials of the newspapers Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, and O Globo in the period immediately following the results of the Brazilian elections of 2018 and 2022, which elected Jair Messias Bolsonaro and Luiz Inácio Lula da Silva, respectively. The selection of these moments is related to the established practice of editorialists positioning themselves in relation to the new administration that is inaugurated. We have chosen to analyze only the editorials, as it is in these texts that the newspapers' positions are articulated. The methodology adopted is framing analysis. A total of 127 editorials were examined. Our working hypothesis directly relates the treatment received by the elected presidents to the ideological positioning of each of them.

Keywords: Political Journalism; Editorials; Presidential Election.

A vitória e a posse de Bolsonaro e Lula nos editoriais

Daniela DRUMMOND
Francieli MANGINELLI
Lidiane Rezende VIEIRA

Um dos principais fundadores teóricos da democracia representativa, James Madison, já sabia, ao final do século XVIII, que a comunicação mediada era característica fundamental de distinção entre o regime que estava propondo e a democracia direta antiga (Hamilton et al., 2003). Com o desenvolvimento tecnológico, os agentes políticos, sejam eles pessoas, partidos ou instituições, passaram a depender progressivamente dos meios de comunicação para construírem sua imagem pública e conquistar o eleitorado. Panfletos, jornais, rádio e televisão, cada nova mídia, ao ganhar relevância no processo comunicacional, impactou a maneira como se dá a representação política (Manin, 1997). Com o advento da internet e das redes sociais não está sendo diferente. Na verdade, o que temos hoje é a convivência de meios surgidos em diversos períodos históricos: a imagem pública de políticos e instituições é construída por meio das tradicionais mídias, como rádio, televisão, jornais impressos, por jornais e portais noticiosos online (Prior; Araújo, 2020), e pelas redes sociais, como Youtube, Instagram, Facebook, Twitter.¹

Há duas concepções clássicas sobre o papel da imprensa na democracia. A primeira, inspirada na teoria econômica liberal, defende a existência de um livre mercado de ideias, que, por seu turno, produziria uma esfera pública plural, precondição fundamental para o regime democrático. A segunda postula que a imprensa tem um papel de “Quarto Poder”, responsável por fiscalizar as ações do governo em nome do interesse dos cidadãos (Albuquerque, 2019).

A despeito de sua origem filosófica europeia, a primeira concepção prosperou à sombra da teoria do pluralismo estadunidense, segundo a qual o mecanismo competitivo do mercado induz uma oferta plural de fatos e opiniões que, de maneira bastante efetiva, contribui para diminuir o custo transacional

¹ Este estudo foi financiado pela FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI E-26/204.330/2021. A versão anterior deste trabalho foi apresentada no 10º Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação Política, realizado de 9 a 11 de maio de 2023, em Fortaleza-Ceará.

da obtenção de informação de qualidade por parte do eleitor/cidadão (Dahl, 2006; Downs, 1957). Mas também é possível interpretá-la a partir de uma visão mais europeia continental de democracia deliberativa, segundo a qual a pluralidade de interpretações oferecida pelos meios de comunicação é condição *sine qua non* para o exercício da reflexão crítica por parte do cidadão, que coletivamente redonda em um processo sadio de formação de opinião capaz de prover cotidianamente legitimidade às instituições democráticas (Habermas, 1996). Mesmo as configurações de mídia que se desenvolveram em alguns países da Europa com os sistemas políticos multipartidários após a Segunda Guerra Mundial refletem, ainda que de maneira muito imperfeita, essa situação na qual a mídia espelha a diversidade de orientações político-ideológicas da sociedade, fenômeno conhecido como paralelismo político (Seymour-ure, 1974; Hallin; Mancini, 2004; Albuquerque, 2018).

A teoria do Quarto poder é também originária dos Estados Unidos. Nesse modelo, a imprensa busca legitimidade, perante a sociedade em geral, na defesa de um suposto *ethos* da objetividade jornalística, segundo o qual o que deve contar na produção da notícia é a verdade factual e não a opinião (Albuquerque, 2019). Os grandes jornais brasileiros também defendem esses princípios abertamente, representando a si mesmos como praticantes do equilíbrio na cobertura, pluralismo, neutralidade axiológica e profissionalismo jornalístico.²

Diferentemente das contribuições clássicas sobre a cobertura da imprensa no período da campanha eleitoral, decidimos averiguar o desempenho dos jornais O Globo (GLB), Folha de S. Paulo (FSP) e O Estado de S. Paulo (OESP) em dois momentos significativos do calendário político pós-eleitoral: a vitória e a posse do novo presidente. A justificativa para escolhermos esses momentos está na prática já estabelecida dos editorialistas de se posicionarem perante a nova gestão que se inaugura. Ainda que não haja bibliografia específica que trate diretamente do comportamento do jornalismo nessas ocasiões, é possível identificar pontos comuns com os trabalhos que analisam o suposto período de

² Uma das fontes principais desses posicionamentos são os Manuais de redação e conduta. No caso da Folha de S. Paulo o Jornal afirma a “importância de desenvolver um ambiente plural não só em sua Redação mas na empresa como um todo. Sabe-se que a diversidade nos mais variados aspectos aumenta a quantidade de pontos de vista que o jornalismo é capaz de oferecer a seus leitores”, VER: <https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/manual-de-redacao-conduta/politica-de-diversidade.shtml>. O Grupo Globo afirma que “o jornalismo praticado é independente, apartidário, laico e isento”. VER: <https://grupoglobo.globo.com/>. O Estado de S.Paulo é o grupo com definições mais abrangentes em seu código de ética, afirmando o “compromisso com a democracia, a luta pela defesa da liberdade de expressão e de imprensa, a promoção da livre iniciativa, da justiça e a permanente busca da verdade”, VER: <https://www.estadao.com.br/codigo-etica/codigo-de-etica.pdf>

Lua de Mel com os quais os novos presidentes são, ou não, agraciados (Dominguez, 2005; Feres Júnior; Sassara, 2018). Escolhemos para efeito de comparação as duas últimas eleições presidenciais, dos anos de 2018 e 2022. Como a orientação ideológica dos presidentes empossados é bastante distinta, tais eventos servem como uma experiência para testarmos o posicionamento dos jornais.

Boa parte dos estudos de comunicação política que utilizam as metodologias de análise de agendamento e de enquadramento optam por examinar reportagens e notícias jornalísticas, provavelmente por pretenderem demonstrar que vieses políticos e ideológicos estão presentes inclusive nos formatos de texto que, segundo a teoria do quarto poder, deveriam ser pautados pela neutralidade e profissionalismo (Brasil, 2021; Mundim et al., 2022). A literatura tem tratado da viabilidade da objetividade jornalística, Lippmann (1922) já argumentava que os jornalistas filtram e enquadraram as informações segundo seus objetivos, mesmo assim, o autor defende a ideia de um jornalismo objetivo. Para Tuchman (1972), a objetividade funciona mais como um “ritual estratégico” do que como algo efetivo, havendo uma tentativa de dar espaço para ideias divergentes e fontes diversas que mantenham tal aparência de objetividade, o que não garante a neutralidade, já que o ato de escolher as fontes e decidir o que é relevante para a matéria são atos subjetivos. Finalmente Traquina (2001), ressalta que a objetividade é uma norma jornalística construída historicamente e usada para legitimar o trabalho da imprensa.

No presente trabalho não nos baseamos na noção de subjetividade e objetividade, pois nos debruçarmos sobre textos explicitamente opinativos, os editoriais. Conforme já declarado, eles têm a função de manifestar a tomada de posição dos donos da empresa de comunicação ou de seus editores, interpretando os acontecimentos sob seu ponto de vista, além de muitos serem também francamente prescritivos, aconselhando instituições e agentes sociais e políticos a tomarem as decisões que entendem como as mais acertadas. Os editoriais cumprem um papel ideológico na construção do discurso jornalístico, que é o de representar a suposta separação entre opinião e fato. Eles têm a função de estabelecer um diálogo com seus leitores e com a esfera pública mais geral, explicitando o posicionamento do meio de comunicação, ou da empresa proprietária, acerca dos assuntos públicos (Guazina; Prior; Araújo, 2017; Eilders, 1997). Mais especificamente, as opiniões expressas nos editoriais podem ser entendidas como tentativas da mídia de emplacar sua agenda junto aos governos e a outros agentes políticos, construindo um relacionamento com as elites intelectuais, políticas e econômicas (Marques; Mont’Alverne, 2015). Dessa forma, a análise das opiniões apresentadas nos

editoriais dos jornais pode contribuir para a compreensão da relação entre imprensa e política, pelo menos naquilo que ela tem de mais explícita.

Trabalhos centrados na análise de editoriais não diferem do grosso da literatura de comunicação política no Brasil ao apontar um viés consistente da grande imprensa contra a esquerda, mas especificamente contra o PT e Lula, seu principal candidato presidencial nas eleições presidenciais da Nova República (Azevedo, 2017, 2018; Goldstein 2017; Van Dijk, 2017; Biroli; Mantovani, 2014; Feres Júnior; Sassara, 2016; Mundim, 2014). Tendo em vista essa extensa literatura, queremos descobrir se a reconfiguração do espectro político brasileiro com o enfraquecimento da antiga polarização em âmbito nacional entre PT e PSDB e o surgimento de uma extrema direita representada por Bolsonaro, que esgarça os limites democráticos, reconfigurou o posicionamento anteriormente encontrado na mídia. Portanto, nossa pergunta de pesquisa é: “Qual o tratamento dado nos momentos da vitória e da posse de Jair Bolsonaro (2018) e Luiz Inácio Lula da Silva (2022) nos textos editoriais dos três maiores jornais do Brasil? E nossas hipóteses são:

H1: Apesar da radicalização do espectro político, em virtude das afinidades ideológicas da imprensa o representante da esquerda recebeu um tratamento mais negativo que o de direita.

H2: Considerando um histórico de antipetismo explícito encontrado nos editoriais d' O Estado de S. Paulo, representado na utilização frequente do termo lulopetismo em chave negativa, a cobertura deste jornal apresentou maior ocorrência de enquadramentos negativos à esquerda.

Além desta introdução, o artigo está organizado da seguinte forma: na primeira parte abordamos a crise da democracia e a relação com a imprensa; a seguir apresentamos o contexto político nacional do debate proposto; na próxima seção tratamos do posicionamento da imprensa com um breve histórico fundamental para a análise pretendida. Estabelecidos os fundamentos teóricos e contextuais, descrevemos as escolhas metodológicas e passamos a apresentar os dados encontrados e as análises realizadas.

A crise da democracia

As concepções “clássicas” acerca da relação entre imprensa e democracia, seja a pluralista ou a deliberativa, estão sob forte pressão atualmente devido à rápida transformação dos meios de comunicação operada pelas novas mídias digitais, inclusive os serviços de trocas de mensagens. A imprensa tradicional entrou em crise, em grande medida pela fuga de assinantes e anunciantes para os meios eletrônicos (Klinger; Svensson, 2015; Mcchesney, 2016), sendo esta componente muito importante para a crise do regime democrático como um todo. Uma miríade de trabalhos recentes examina as conexões entre uma onda de forças políticas antidemocráticas de extrema-direita, surgidas nos últimos anos, e as possibilidades comunicacionais criadas pelas redes sociais e serviços de troca de mensagens que são ampliados (Carlisle; Patton, 2013; Ferrara et al., 2016; Flaxman et al., 2016; Gerbaudo, 2018; Waisbord, 2018). Tais discursos antidemocráticos são, de certa maneira, protegidos pela ausência de um filtro institucional que os circunscreva nos padrões constitucionais, cenários reiterados pela disputa sem resolução dos planos de regulação. A não regulamentação das plataformas como o Facebook também ampliam espaços para os discursos antidemocráticos, pois as mídias tradicionais tem uma série de responsabilidades exigências de regras e critérios de condutas sobre o que é aceitável ou não, já as redes sociais são um espaço livre todo tipo de discurso (Cammaerts, 2016). As vitórias eleitorais recentes de Donald Trump, Brexit, Jair Bolsonaro, Narendra Modi, Victor Orban e tantos outros, atestam a contribuição dessas redes para a atual crise do regime democrático.

Como afirmam Levitzky e Ziblatt (2018) e uma extensa literatura sobre corrosão democrática (*democratic backsliding*), na maior parte dos casos, a democracia representativa é ameaçada não por golpes militares, mas por um lento processo de ataque às instituições, liderado por líderes antidemocráticos, por meio do uso intensivo de notícias falsas e desinformação via redes sociais. O caso do Gabinete do Ódio de Jair Bolsonaro demonstra a incorporação dessa lógica como rotina de comunicação política do próprio governo, ou seja, para além do contexto da competição eleitoral (Mello, 2020). Entretanto, Allcott e Gentzkow (2017) ressaltam que tal estratégia da disseminação de notícias falsas por meio das redes sociais não é totalmente efetiva, os autores argumentam que mesmo que as redes sociais tenham tido um grande papel na disseminação de informações em eleições como a de Donald Trump, o impacto real das notícias falsas sobre o comportamento dos eleitores pode ser limitado, ou seja, segundo eles pode ter sido menor do que muitos autores acreditam, já que a maioria da população também obtém informações por meios de comunicação tradicionais.

Embora a desinformação e a utilização da comunicação para difusão de informações falsas não seja um problema criado pela revolução digital, as mídias sociais, como Facebook, Instagram, Twitter, WhatsApp, também têm impactado o jornalismo tradicional. Já que cada vez mais as pessoas se informam por meio das mídias sociais, as instituições jornalísticas “passaram a negociar seus critérios de noticiabilidade com os parâmetros de visibilidade estabelecidos pelos algoritmos das mídias sociais” (Albuquerque, 2019, p.20). As notícias que as pessoas acessam são cada vez mais influenciadas pela interação entre plataformas, empresas jornalísticas e usuários (Van Dijck, Poell, De Waal, 2018).

Ocorre a “plataformização do jornalismo” que é “quando organizações ou indivíduos produtores de conteúdo jornalístico passam a fornecer seus produtos e serviços por meio das plataformas on-line” (Jurno; D’Andrea, 2020, p.181). Tal plataformização (processo de adaptação das lógicas de produção jornalística às lógicas de funcionamento das plataformas) é também influenciada pela crise econômica do jornalismo que passa a buscar formas de monetização (Nieborg; Poell, 2018). Ainda assim, a mídia tradicional mantém uma alta capacidade de agendamento do debate público, já que no atual sistema midiático híbrido, a mídia mainstream permanece com um peso notável dentre os conteúdos que circulam pela internet.

Trabalhos mostram que mesmo os *quality newspapers*, que perderam muito de seu leitorado nas últimas décadas, são ainda muito efetivos na formação da opinião das elites políticas, intelectuais e empresariais (Aelst; Walgrave, 2016; Arceneaux et al., 2016). Mas, a ação de algoritmos, trolls e o fato de agora os receptores também contarem com a oportunidade de atuar como emissores, complexifica a ideia de transferência entre agendas e traz uma ampliação e reformulação da teoria do agendamento (Ferreira, 2020).

Conforme os dados do Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB) de 2022, os brasileiros com renda mensal familiar de mais de 5 salários-mínimos têm mais do que o dobro da probabilidade de obterem informações sobre política de jornais impressos (ou suas versões digitais), todos os dias da semana, do que aqueles cuja renda familiar não ultrapasse 2 salários mínimos.

Segundo a definição de Hallin e Mancini (2004), *quality newspapers* são publicações que (1) dirigirem-se a uma elite de leitores; (2) empregam mão de obra especializada; (3) dão mais espaço ao noticiário político que outras mídias e; (4) obtém a maior parcela de seus lucros da publicidade.

Podemos dizer com bom grau de certeza que os jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo são os principais *quality newspapers* do Brasil³. Por essa razão, eles foram selecionados como base dos dados da presente análise. É importante ressaltar que estes veículos de comunicação também estão em plataformas digitais como Facebook e Instagram. Nossa foco de análise não é o agendamento, mas o enquadramento dado aos textos pelos editorialistas, assim, iremos contextualizar politicamente o período analisado.

Contexto Político Nacional

O pleito presidencial de 2018, o oitavo do Brasil na Nova República, teve 13 candidatos e características distintas das anteriores. O Partido dos Trabalhadores oficializou a candidatura Lula, mas esta foi indeferida pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) devido a sua condenação em segunda instância, violando os critérios de elegibilidade estabelecidos pela Lei da Ficha Limpa. Fernando Haddad, que seria o candidato a vice-presidente na chapa de Lula, tornou-se então titular, com Manuela d'Ávila (PCdoB) como candidata a vice.

O PSDB concorreu em 2018 com Geraldo Alckmin. A competição no nível federal, que desde 1994 se estruturava em torno de dois partidos – PT (centro-esquerda) e PSDB (centro-direita), contou pela primeira vez com um candidato de extrema-direita, Jair Messias Bolsonaro (PSL). Com uma campanha pautada por elogios ao período da ditadura militar brasileira, defesa de valores conservadores no campo dos costumes e da segurança pública e por ataques à esquerda, Bolsonaro venceu os dois turnos da eleição, se colocando como outsider, campeão do antipetismo e da antipolítica (Fuks; Marques, 2020, p.407).

Mesmo com uma exígua estrutura partidária, o que lhe rendeu quase nenhum tempo no Horário Gratuito da Propaganda Eleitoral (HGPE) e recursos financeiros escassos (Nicolau, 2020), Bolsonaro foi eleito. Geraldo Alckmin, candidato do até então competitivo PSDB, apostou na fórmula tradicional de amealhar ampla coligação de apoio, que lhe rendeu praticamente a metade do tempo de todo HGPE e uma enorme máquina partidária de campanha. Contudo, dessa vez as coisas foram diferentes.

³ Segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), em 2023 O Estado de S. Paulo teve uma tiragem impressa de 58.326 exemplares e 185.106 de exemplares em circulação digital. O Globo teve uma tiragem impressa de 56.181 exemplares e uma tiragem digital de 325.598 exemplares. Com a maior circulação nacional, A Folha bateu a marca de 752.019 em circulação digital e 44.069 em circulação impressa.

Enquanto Haddad teve um bom desempenho (29,28% dos votos válidos), que lhe garantiu ir ao segundo turno, demonstrando a força do PT e o poder de transferência de votos de Lula, Alckmin teve uma votação inexpressiva (4,76% dos votos válidos).

Jornais brasileiros e suas relações políticas

Para melhor compreender o comportamento da grande imprensa em relação a Bolsonaro e Lula e identificar possíveis alterações em virtude da reconfiguração da cena política, objetivo precípuo da presente análise, é preciso retroceder no tempo a fim de identificarmos tendências de mais longa duração demonstradas pela literatura especializada. Os grandes jornais do país apoiam o impeachment de Dilma Rousseff, apontando-o como melhor solução para a crise política naquele momento (Prudêncio; Rizzotto; Sampaio, 2018; Drummond et al., 2018), e se posicionando explicitamente contra a presidente ao desqualificar seus argumentos de defesa (Guazina; Prior; Araújo, 2017).

O jornalismo brasileiro também sustentou com afinco e sem grandes questionamentos a Operação Lava Jato – conduzida pelo Ministério Público Federal e pela Polícia Federal – que investigou esquemas de corrupção de empresas e políticos por lavagem de dinheiro e tráfico de influência –, enfatizando a participação dos membros do PT e seus aliados, embora diversos partidos tiveram seus membros envolvidos em denúncias (Van Dijk, 2017; Santos; Szwako, 2016). As consequências da condenação de Lula pelo juiz Sérgio Moro já foram mencionadas, culminando na escolha de Fernando Haddad como seu substituto na candidatura à Presidência da República.

Nas eleições de 2018, os grandes jornais dedicaram coberturas com viés negativo a Bolsonaro e a Haddad. E no segundo turno tenderam a enquadrar ambos os candidatos como ameaças à democracia, empregando a chamada retórica da equivalência (Feres Júnior, 2020). Ao longo do governo Bolsonaro, ou seja, de 2019 a 2022, os jornais utilizaram-se diversas vezes dessa retórica (Gagliardi; Tavares, 2023).

Durante a campanha, um dos símbolos dessa narrativa foi o editorial publicado após o primeiro turno intitulado “Uma escolha muito difícil” (OESP 08/10/2018). No texto, os editorialistas lamentam a vitória dos ditos extremos, Lula e Bolsonaro, cenário considerado distinto do passado quando o povo brasileiro optava pela moderação. Tal retórica é visivelmente falha, já que no suposto período de

moderação eleitoral o partido de Lula havia vencido quatro vezes as eleições presidenciais, fato histórico não considerado.

Diante do embate polarizado do pleito, os jornais optaram por mitigar a imagem dos candidatos, especialmente a figura taxada de extrema direita de Bolsonaro (GLB 04/01/2018; OESP 16/04/2018; FSP 22/09/2018; GLB 25/09/2018; OESP 08/10/2018). A cobertura do *O Globo* torna o movimento ainda mais visível, já que após a eleição o jornal deixou as ressalvas quanto ao radicalismo e teceu elogios ao novo presidente. Em dezembro daquele ano foi publicado editorial descrevendo Bolsonaro como uma pessoa mais cuidadosa que pediu “necessárias desculpas por excessos verbais do passado”. A respeito dos militares no poder executivo, os editorialistas afirmaram: “longe de sinalizar qualquer retrocesso, ao contrário, serve para destacar o amadurecimento da democracia brasileira e de suas instituições republicanas” (GLB 14/12/2018).

Diferente do que podemos observar no caso de Dilma Rousseff (Feres Júnior; Sassara, 2018), Jair Bolsonaro recebeu uma Lua de Mel benevolente especialmente de *O Globo*, que sustentou no argumento da solidez democrática o entusiasmo com o novo governo (Vieira, Feres Júnior, Cavassana, 2024). No primeiro dia de 2019, o jornal publicava a manchete “Virada da renovação”, que dias depois foi seguida pelo editorial “Acenos positivos ao entendimento e o fim das divisões” (GLB 02/01/2019). Dos três jornais, a *Folha de S. Paulo* foi a primeira a romper com Bolsonaro, de início com a investigação de contratação de mensagens ilegais contra o PT e depois com a divulgação das candidaturas laranjas do PSL.

O desempenho de Bolsonaro e o advento da pandemia aprofundaram a insatisfação dos jornais, reacendendo a retórica da equivalência, que não havia sido abandonada de todo. *O Globo* foi deixando a euforia e mobilizando expressões como “populismo de extrema direita” a respeito do governo Bolsonaro (GLB 30/05/2020). Neste contexto, Lula ainda inelegível, o jornal carioca reposicionou o PT no quadro democrático: “Mas não se pode menosprezar a legenda brasileira com maior identificação no eleitorado, maior capilaridade nacional e mais bem-sucedida nas urnas desde a redemocratização” (GLB 26/08/2020).

Com a anulação das condenações de Lula pelo Supremo Tribunal Federal, o petista voltou ao cenário político para enfrentar Bolsonaro em 2022 e a cobertura da imprensa reagiu negativamente. Enquanto *O Globo* relaciona o retorno de Lula à corrida presidencial ao derretimento dos mercados (GLB

09/03/2021), a Folha afirma que: “o Brasil já conhece os estragos que o dogmatismo causa e não merece atravessar mais quatro anos de destruição do futuro a partir de 2023” (FSP 14/03/2021). Nessa mesma direção, o Estadão recusa a figura de Lula como candidato de um centro democrático contra Bolsonaro “pela natureza autoritária do lulopetismo” (OESP 12/04/2021).

Em 2022, compuseram a disputa outros nove candidatos⁴, mas somente Lula e Bolsonaro se mostraram competitivos no pleito, o que refletiu a polarização política e ideológica do eleitorado entre direita e esquerda (Cerqueira; Moliterno, 2022).

Lula saiu vencedor do pleito por margem estreita: 50,9% dos votos válidos. A franja mais radical dos apoiadores de Bolsonaro passou então a questionar a legitimidade do resultado, ao mesmo tempo organizando movimentos de protesto na forma de bloqueios de estradas, atentados contra equipamentos de infraestrutura e acampamentos a quartéis, nos quais os manifestantes clamavam por intervenção militar a fim de reverter o resultado eleitoral. Bolsonaro, por seu turno, não reconheceu publicamente a derrota, ao contrário do que foi praxe na transmissão de poder ao longo da Nova República, enquanto a estrutura de disseminação de desinformação a seu serviço continuou a bombardear a legitimidade do pleito. Tais acontecimentos se estenderam por dois meses e culminaram com a invasão e depredação dos prédios da Praça dos Três Poderes, em 8 de janeiro de 2023.

Partindo deste contexto, nos interessa verificar se apesar da radicalização do espectro político, em virtude das afinidades ideológicas da imprensa o representante da esquerda recebeu um tratamento mais negativo que o de direita logo após as eleições, e Considerando um histórico de antipetismo explícito encontrado nos editoriais d' O Estado de S. Paulo, representado na utilização frequente do termo lulopetismo em chave negativa, a cobertura deste jornal apresentou maior ocorrência de enquadramentos negativos à esquerda.

Prior e Araújo (2020) se debruçaram sobre o tratamento que os editoriais dos jornais deram a Bolsonaro durante a campanha de 2018, analisando *quality newspapers* nacionais e internacionais. Por meio da análise de conteúdo dos textos jornalísticos, os autores chegam à conclusão de que Bolsonaro foi tratado como um populista de direita que ameaçava a democracia brasileira pelos meios internacionais, enquanto os jornais brasileiros tiveram uma posição bastante ambígua em relação à sua

⁴ Os candidatos eram: Ciro Gomes (PDT), Simone Tebet (MDB), Constituinte Eymael (DC), Luiz Felipe d'Avila (Novo), Léo Péricles (UP), Padre Kelmon (PTB), Sofia Manzano (PCB), Soraya Thronicke (União Brasil) e Vera Lúcia (PSTU).

candidatura, frequentemente equiparada à do PT como potencialmente antidemocrática, resultado que é em tudo similar à retórica da equivalência descrita por Feres Júnior (2020).

Prior e Araújo (2020) também capturaram diferenças específicas entre as coberturas dos jornais brasileiros. A Folha de S. Paulo empregou como um dos principais enquadramentos a preocupação com os eventuais riscos à democracia brasileira, equiparando os candidatos Jair Messias Bolsonaro e Fernando Haddad (Prior; Araújo, 2019, p.14). O Estado de S. Paulo adotou posição similar ao declarar que os dois candidatos são como as duas faces de uma mesma moeda: um defensor do regime militar e outro um “preposto de um presidiário”. O jornal celebrou a derrota do PT, mas lamentou o perfil de Bolsonaro, chamando sua vitória de “um tiro no escuro” (Prior; Araújo, 2019, p.14). Finalmente, O Globo, mesmo demonstrando em editoriais preocupação com a democracia, identificou no processo eleitoral um aspecto da consolidação desse regime político, pois ocorria a alternância no poder de governantes com diferentes orientações ideológicas.

Já o trabalho de Silva e colegas (2020) partilha com a presente proposta o objetivo de analisar o tratamento dado a Bolsonaro no contexto de sua posse, ainda que não haja comparação com outros presidentes, como é o nosso caso. Seu foco é a cobertura de notícias e os procedimentos jornalísticos empregados nela. Seus achados são que poucas fontes foram entrevistadas para comentar a posse do presidente e as que foram escolhidas eram quase todas apoiadoras de Bolsonaro. Raros foram os casos do uso de especialistas como fontes, além de pouca apuração e contextualização histórica do perfil do novo presidente.

Metodologia

A metodologia aqui adotada é a análise de enquadramento dos editoriais. Para Goffman (2012) a análise de enquadramento investiga como informações e eventos são organizados de modo a influenciar o público, o autor se baseou na ideia de Bateson (1972) que percebe os frames como esquemas de interpretação, constatando que de acordo com a forma com que os eventos são enquadrados e destacados em um texto, eles serão capazes de influenciar como os indivíduos interpretam esses mesmos acontecimentos.

No âmbito da comunicação política, o enquadramento tem sido muito utilizado no tratamento de problemas de pesquisa, desde estudos das interações comunicativas à análises dos sentidos

formulados nos discursos midiáticos (Mendonça; Simões, 2012). Uma das formas de operacionalizar o conceito de enquadramento é percebê-lo como recursos simbólicos verbais e visuais que jornalistas e outros agentes da mídia usam para organizar a informação em seus textos (Maia, 2009, p. 307).

Focaremos na emissão da comunicação e não na sua recepção, cujo estudo demandaria um montante de recursos muito maior e desenho de pesquisa diverso. Mesmo a noção de pacote interpretativo aqui é tomada em um sentido amplo, de argumento, posicionamento ou perspectiva comunicada por meio do texto jornalístico. Embora a maior parte das análises de enquadramento analisem as notícias, há trabalhos que utilizam o conceito para o estudo de outros gêneros jornalísticos, como o editorial (Mont'Alverne e Marques, 2013; Guazina, Prior e Araújo, 2018; Campos e Araújo, 2020).

O método interpretativo adotado nessa pesquisa é de caráter fortemente indutivo (Maia et al., 2022), típico dos procedimentos da *Grounded Theory* (Corbin and Strauss 1990; Glaser and Strauss 1967). No campo das ciências sociais, especialmente em comunicação e estudos de mídia, o enquadramento analisa como as informações são organizadas e destacadas para influenciar as opiniões, atitudes e comportamentos. Ou seja, não nos aproximamos do texto com uma estrutura preconcebida de códigos, mas com a missão de produzir uma primeira codificação que capture o posicionamento dos editoriais em relação ao presidente recém-eleito, em termos gerais, ou seja, com um mínimo conteúdo semântico. Em um segundo momento, revisamos a codificação a fim de lhe dar maior coerência. Tal metodologia está alinhada com os princípios da *Grounded Theory*, que preveem que a coleta de dados e a análise ocorrem de forma simultânea. Isso significa que os pesquisadores analisam os dados à medida que os coletam, o que lhes permite ajustar o processo de coleta de dados conforme necessário, com base nas categorias e temas emergentes.

Coletamos os editoriais⁵ da Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo que trataram do resultado das eleições, publicados na primeira semana imediatamente subsequente ao segundo turno, e na primeira semana após a posse do presidente, ou seja, de 29 de outubro a 4 de novembro de 2018 e de 1 a 7 de janeiro de 2019 para Bolsonaro, e de 31 de outubro a 6 de novembro de 2022 e de 1 a 7 de janeiro de 2023 para Lula.

⁵ Esta coleta foi realizada diretamente do site de cada um dos periódicos. Por se tratar especificamente dos editoriais, o conteúdo veiculado na versão impressa e digital é idêntico.

Após raspagem inicial dos textos, deparamo-nos com 187 editoriais. É importante ressaltar que os jornais analisados costumam ter mais de um editorial por dia. A segunda etapa foi uma leitura dos textos para eliminar aqueles que não tratavam dos assuntos de interesse desta análise, ou seja, das eleições presidenciais. Obtivemos 128 editoriais, que tratavam diretamente de temas políticos do país, envolvendo os recém eleitos ou recém empossados, Bolsonaro e Lula. Esses textos foram organizados em uma base de dados, com data, título e texto completo. Em seguida, foram lidos e categorizados. Ao longo da releitura identificamos os temas abordados e fomos criando categorias-chave para sintetizar os posicionamentos e ideias expressas nos textos. Numa primeira sessão, catalogamos 21 enquadramentos, que depois de um debate entre as três autoras, foram compactados em 8, já que de acordo com a frequência e semelhança de assuntos poderiam ser agrupados. Em nossa análise, um texto editorial pode apresentar mais de um enquadramento.

Análise de enquadramento

O quadro a seguir sintetiza as concepções de cada enquadramento e traz um exemplo extraídos dos editoriais para corroborar com nossas decisões.

Quadro 1 – Categorias criadas

Enquadramento	Conceituação	Exemplos
Críticas a Bolsonaro	Adoção de posicionamentos críticos a Jair Bolsonaro, tanto em caráter pessoal quanto em relação à sua gestão e decisões como presidente da República.	“O governo Jair Bolsonaro (PL) foi tão retrógrado em relação a pontos básicos do pacto civilizatório que sucedê-lo implica enfrentar duas agendas, a simbólica e a administrativa. (...) Bolsonaro direcionou seu ranço ideológico para outros temas, como o aborto legal e o tratamento de dependências químicas e de transtornos mentais. Revogar decretos, portarias e normas técnicas mais representativos do pensamento reacionário do ex-presidente é um imperativo, ao qual Trindade muito corretamente já se dedica.” (Folha de São Paulo, De volta à ciência, 04/01/23)
Críticas ao PT e a Lula	Adoção de posicionamentos críticos ao PT e/ou a Lula, tanto em caráter pessoal quanto em relação à sua gestão e decisões como presidente da República.	“O PT já governou o País por quase 14 anos. São sobejamente conhecidas as medidas desastrosas que o partido já adotou para tratar daquelas mazelas sociais. A política petista, populista e eleitoreira, sobretudo durante o segundo mandato de Lula e no de sua sucessora, Dilma Rousseff, levou o Brasil à ruína. (...) É difícil imaginar que os petistas, famosos por não aprenderem nada nem

		<i>esquecerem nada, tenham tirado as lições corretas do desastre que provocaram, mas, como foi dito, é tempo de esperança. Espera-se – talvez em vão, o tempo dirá – que Lula, uma vez empossado, enfim desça do palanque e governe o Brasil com seriedade e equilíbrio. O presidente gosta de repetir a cantilena de que responsabilidade fiscal é inimiga da responsabilidade social. Nada mais errado, por uma questão elementar: não se pode cuidar verdadeiramente dos mais pobres sem dinheiro para sólidas políticas públicas de transferência de renda e geração de empregos. É mais que hora de novas ideias para solucionar velhos problemas.” (Estadão, É tempo de esperança e responsabilidade, 01/01/23)</i>
Indicação de posicionamento político direcionamento de pautas de governo	Indicações feitas pelo jornal de tomadas de decisões e expectativas de direcionamentos políticos, abrangendo principalmente os setores de economia e meio ambiente.	<i>“Lula acerta nas áreas ambiental e de armas, mas preocupa com isenção de impostos de combustíveis. Foi positiva a maior parte dos decretos, medidas provisórias e despachos assinados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva horas depois de tomar posse no domingo. Chamadas de “revogaço”, as medidas buscaram desfazer parte das políticas equivocadas adotadas pela administração anterior em temas como meio ambiente, armas e transparência.” (O Globo, ‘Revogaço’ busca corrigir erros do governo anterior, 03/01/23)</i>
Enaltecimento da consolidação da democracia	Adoção de posicionamentos que reforçam a democracia como sistema político ideal e que deva ser respeitado	<i>“Presidente acerta ao ampliar base além da esquerda, mas aliança será testada. Empossado na Presidência neste domingo (1º), Luiz Inácio Lula da Silva (PT) assumiu os compromissos desejáveis com a democracia e a recuperação de áreas da administração arruinadas pelo antecessor. Seus discursos foram do enfrentamento à promessa de governar para todos, mas sempre pautados pelas bandeiras e teses petistas.” (Folha de São Paulo, Sinais de Lula, 01/01/23)</i>
Expectativas positivas em relação a Bolsonaro	Adoção de posicionamentos favoráveis às futuras decisões de Bolsonaro como presidente.	<i>“Bolsonaro acerta ao ampliar estrutura de enfrentamento da violência e da corrupção. Se o candidato Jair Bolsonaro foi eleito com um discurso de apoio forte ao combate à corrupção, com citações favoráveis à Lava-Jato, seria um desdobramento natural ele, vitorioso, convidar o juiz Sergio Moro para o primeiro escalão do governo. Aconteceu, Moro aceitou, e a escolha é a de maior impacto positivo até agora. (...) No Brasil de Bolsonaro, para reverter a séria crise econômica, cria-se um superministério para Paulo Guedes. No caso da seriíssima situação da segurança pública e da degradação moral da vida pública, a pessoa será Sergio Moro, que também contará com uma estrutura reforçada.” (O Globo, Superministério da Justiça é passo para integrar ações na segurança, 03/11/18)</i>
Críticas às manifestações antidemocráticas	Condenação dos atos de protesto e não reconhecimento dos resultados eleitorais	<i>“...o PT agora trata de dizer que a vitória do oponente resultou de um processo “eivado de vícios e fraudes”, conforme declarou a presidente do partido, Gleisi Hoffmann. Ou seja, para o PT,</i>

		<p><i>se não houvesse “manipulação” e “mentiras” o candidato petista seria eleito com folga... Os petistas, assim, fazem exatamente aquilo que deles se esperava – isto é, em vez de aceitar o resultado das urnas e se organizar para fazer oposição decente e leal ao futuro governo, preferem desflagrar campanha para deslegitimar a vitória de Bolsonaro. (...) Um partido que em documento oficial chama um presidente democraticamente eleito de “aventureiro fascista”, como faz o PT, não tem a menor intenção de fazer oposição. Para esta atitude verdadeiramente golpista já chamávamos a atenção no editorial Desespero, de 19 de outubro.” (Estadão, Os desesperados, 04/11/18)</i></p>
Expectativas positivas em relação a Lula	Adoção de posicionamentos favoráveis às futuras decisões de Lula como presidente.	<p><i>“A ida do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva à Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP27), no Egito, deverá marcar uma inflexão na política ambiental brasileira e, assim se espera, o início da recuperação do protagonismo brasileiro nas negociações sobre o clima. (...) O retrospecto de Lula no combate ao desmatamento é positivo. (...) Marina integra a ampla aliança política construída em torno da candidatura de Lula e contribuiu com o capítulo climático de seu programa de governo. (...) Lula ficou de anunciar seu ministro do Meio Ambiente na COP27. Espera-se que seja alguém capaz de levar a cabo a missão descrita em seu programa. Não é pouco trabalho. É preciso começar já.” (O Gobo, Lula tem de resgatar protagonismo do Brasil na COP27, 03/11/23)</i></p>
Apoio e aprovação de aliados ao governo	Adoção de posicionamentos aprovando as decisões tomadas pelo presidente ou por ministros e outros representantes	<p><i>“Em seu discurso de posse como ministro de Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), o vice-presidente Geraldo Alckmin expôs uma visão moderna sobre o papel da indústria na retomada do crescimento. Ao defender a necessidade de uma política de reindustrialização alinhada a práticas da economia verde, Alckmin demonstrou estar ciente dos enormes desafios nacionais, que ganham nova dimensão em um mundo no qual os fundos de investimento exigem mais que palavras para trazer seus recursos ao País. (...) Com Alckmin à frente do MDIC, o País tem todas as condições de ir além de medidas paliativas, como têm sido os empréstimos subsidiados e os incentivos tributários dos últimos anos.” (Estadão, Uma nova chance para a indústria, 07/01/23)</i></p>

Fonte: As autoras

Analizando os dados totais, a tabela 1 mostra que o número de editoriais sobre os temas que envolvem as eleições presidenciais foi notadamente similar, seja se compararmos os jornais entre si, seja se compararmos os pleitos, em seus diferentes períodos, vale lembrar: Pré- Bolsonaro (de 29 de outubro

a 4 de novembro de 2018)⁶; Governo Bolsonaro (1 a 7 de janeiro de 2019)⁷, Pré-Lula (de 31 de outubro a 6 de novembro de 2022) e Governo Lula (de 1 a 7 de janeiro de 2023).

Tabela 1 – Textos editoriais por jornais

Período	Estado de S. Paulo	Folha de S. Paulo	O Globo
Pré-Bolsonaro	13	9	9
Governo Bolsonaro	11	11	8
Pré-Lula	15	9	12
Governo Lula	11	10	10
Total	50	39	39

Fonte: Os autores

Adentrando à análise dos jornais, iniciamos com o Estado de S. Paulo. Na fase que chamamos de pré-Bolsonaro, o jornal publicou mais editoriais com os enquadramentos Críticas ao PT e a Lula do que Críticas a Bolsonaro, que acabava de ser eleito. Já nos períodos pré-Lula e Governo Lula o número de editoriais com os enquadramentos Críticas ao PT e a Lula foram o dobro daqueles recebidos por Bolsonaro nos seus períodos correspondentes.

Tabela 2 – Enquadramentos Estado de S. Paulo

Enquadramento	Pré-Bolsonaro	Governo Bolsonaro	Pré-Lula	Governo Lula	Total
Críticas a Bolsonaro	2	4	8	2	16
Críticas ao PT e a Lula	3	1	4	9	17
Indicação de posicionamento econômico e pautas de governo	10	9	9	9	37

⁶ A eleição se deu no dia 18 de outubro.

⁷ Data da posse e primeira semana de governo.

Enaltecimento da consolidação da democracia	3	1	5	1	10
Expectativas positivas em relação a Bolsonaro	2	1	0	0	3
Críticas às manifestações antidemocráticas	2	0	4	0	6
Expectativas positivas em relação a Lula	0	0	0	1	1
Apoio e aprovação de aliados ao governo	0	0	1	2	3

Fonte: Os autores

Os textos com o enquadramento Críticas a Bolsonaro, no ESP, tratavam muito mais do radicalismo de suas condutas pessoais e personalidade, mas também abrangeram sua atuação como presidente. Já Lula foi mais criticado por suas ações e decisões enquanto presidente, sem menções à sua personalidade. O PT foi fortemente atacado pelo jornal como partido e como ideologia (petismo). As referências ao partido vinham frequentemente associadas à imagem de Lula, como um presidente inadequado e que estaria governando de maneira retrógrada, característica também atribuída ao petismo pelos editorialistas do jornal⁸.

Jair Bolsonaro é o primeiro presidente da República que, tendo disputado a reeleição, não foi reconduzido ao cargo. A maioria do eleitorado rejeitou neste domingo um governo que se mostrou, desde o primeiro momento, conflituoso, desumano e assustadoramente destrutivo. Eleito em 2018 sob a bandeira do antipetismo e do combate à corrupção, Jair Bolsonaro mostrou-se incapaz não apenas de cumprir minimamente um programa de governo, mas de se portar como presidente da República em suas mais básicas exigências legais e cívicas. (...). Há parcela relevante da população que, por diferentes motivos, vê Jair Bolsonaro – o omissão na pandemia, o desprovido de programa de governo, o arruaceiro das eleições, o comprador de votos – como solução para o País. (ESP, Lula tem o dever de arrefecer os ânimos, 31/10/22)

⁸ Vide mais exemplos no Quadro 1.

O enquadramento predominante nos editoriais do Estadão foi o Indicação de posicionamento político e direcionamento de pautas de governo, em que apresenta o posicionamento liberal do veículo de comunicação que se posiciona a favor de reformas econômicas e previdenciárias. A partir de nosso recorte, percebe-se que não houve maior ou menor tentativa de intervenção do jornal de acordo com o presidente eleito, mostrando os dados uma regularidade de publicações do gênero. Esse enquadramento mostra como a mídia expressaativamente seus interesses no jogo político, buscando direcionar e influenciar as agendas de governo.

O governo também precisará ampliar o financiamento rural em suas várias modalidades, tanto mais numa conjuntura de juros altos combinados a um aumento nos preços dos insumos. Ante as intempéries climáticas, um olhar cuidadoso ao seguro rural é crucial. No plano internacional, é preciso despoluir a reputação nacional após a razia antiambientalista de Jair Bolsonaro, mas, acima de tudo, resistir à onda protecionista nos países desenvolvidos e abrir novos mercados nos emergentes. (...) Condicionar taxas de juros reduzidas do Plano Safra à responsabilidade ambiental e social é um bom caminho, seja pelo impacto nessas áreas, seja pela visibilidade internacional que isso traz. Com as contas públicas apertadas, isso ajudará a atrair recursos externos. O próprio presidente eleito Lula da Silva e seus correligionários, por sua vez, precisam expurgar velhos preconceitos ideológicos que tantas vezes difamaram os produtores agrícolas como vilões sociais e ambientais. (ESP, Agro desafia o pessimismo, 03/01/23)

A comemoração das eleições democráticas que caracterizam o enquadramento Enaltecer da consolidação da democracia, também esteve bastante presente, com menos aparições na eleição de Bolsonaro, o jornal considerava a alternância de poder como algo positivo, já na eleição de 2022 o enquadramento passa a ser ainda mais frequente, dado o contexto de que Bolsonaro demorou a admitir sua derrota.

A eleição de Bolsonaro foi um momento que o jornal manifestou em seus textos de opinião expectativas positivas em relação à troca de grupo ideológico no poder, já que após quatro mandatos consecutivos o PT perdia a eleição presidencial, havia otimismo nas ações liberais do novo presidente Jair Bolsonaro. Já no período pós-vitória de Lula em 2022 e primeiros dias de governo em 2023, o ESP passou a expor incertezas e receios em relação às políticas que seriam adotadas por Lula. Não houve editoriais contendo enquadramentos com expectativas positivas em relação ao governo Lula, enquanto no período relativo a Bolsonaro, o jornal publicou editoriais com expectativas positivas a seu governo, assim como logo após sua eleição. Também se notou a necessidade de validação das decisões de Lula, permeadas por momentos que classificamos como o enquadramento Apoio e aprovação aos aliados, que era como se todas as suas decisões fossem julgadas pelo editorial. O mesmo

fato não ocorreu na gestão de Bolsonaro, que recebeu um “cheque em branco” para suas primeiras medidas como Presidente da República. Diferente do caso de Lula, todos os jornais escreveram editoriais com expectativas sobre Bolsonaro no período pré-eleição, com destaque para O Globo.

O quinto enquadramento mais recorrente no ESP foi a Crítica às manifestações antidemocráticas, já que após a eleição de 2022, houve questionamentos por parte dos opositores a respeito da validade da eleição e da aceitação de seu resultado. Essas mesmas questões não foram levantadas em 2018 e 2019, no período em que Bolsonaro saiu vitorioso, pois a esquerda acatou a derrota sem questionar a validade das eleições, respeitando a legitimidade do processo eleitoral democrático. A ausência desse enquadramento no pós-vitória de Bolsonaro em 2018 e em sua posse em 2019 reflete a não existência dessas manifestações muito presentes nas eleições de 2022, principalmente após a posse de Lula em 2023, que culminou com os ataques aos prédios públicos em 8 de janeiro daquele ano.

Em seguida (Tabela 3) temos a análise dos editoriais do jornal Folha de S. Paulo. O enquadramento com maior número de ocorrências foi Críticas a Bolsonaro com uma frequência de 14 vezes. A imprensa brasileira hegemônica, especificamente os jornais O Globo, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, têm uma história constante de críticas mais negativas e enfáticas aos atores políticos da esquerda (Albuquerque, 2016; Azevedo, 2017; Goldstein, 2017), entretanto, no período analisado aqui, Bolsonaro é mais criticado que o Lula.

Bolsonaro também foi objeto em textos com expectativas de uma nova forma de governar, o que evidencia sutilmente uma cobertura com expectativas mais positivas em relação à gestão do ex-capitão do que à do ex-sindicalista. A maioria das críticas direcionadas a Bolsonaro foram feitas após o seu governo, aparecendo na imprensa no período do início do terceiro governo Lula.⁹

Temáticas como o respeito à democracia e meio ambiente foram abordadas na cobertura dedicada a Lula, geralmente de forma favorável ao petista. Na FSP, o enquadramento mais recorrente na análise também foi o Indicação de posicionamento político e direcionamento de pautas de governo, numa perspectiva de política econômica liberal, do estado mínimo, demonstrando o posicionamento do veículo de comunicação a favor de reformas econômicas e previdenciárias. Esse enquadramento mostra como as mídias tentam dirigir o jogo político, sugerindo as medidas que consideram necessárias para serem tomadas.

⁹ Vide mais exemplos nos Quadro 1.

Tabela 3 – Enquadramentos Folha de S. Paulo

Enquadramento	Pré-Bolsonaro	Governo Bolsonaro	Pré-Lula	Governo Lula	Total
Críticas a Bolsonaro	1	4	4	5	14
Críticas ao PT e a Lula	2	0	3	2	7
Indicação de posicionamento político direcionamento de pautas do governo	7	7	5	7	26
Enaltecimento da consolidação da democracia	2	1	3	2	8
Expectativas positivas em relação a Bolsonaro	1	1	0	0	2
Críticas às manifestações antidemocráticas	0	0	3	1	4
Expectativas positivas em relação a Lula	0	0	3	1	4
Apoio e aprovação de aliados ao governo	3	2	1	3	9

Fonte: Os autores

O quarto enquadramento dominante na FSP foi “Apoio e aprovação do governo”, quantitativamente, no período pré-Bolsonaro o apoio do jornal aos aliados de seu governo foi maior que o apoio aos aliados de Lula no período pré-Lula, mas no período analisado de governo, o apoio e aprovação aos aliados de Lula foi maior. Esta é uma das limitações de nossa pesquisa, o recorte temporal favorece tais resultados.

Poucas áreas retrocederam tanto na gestão anterior quanto a dos direitos humanos. De todos os retrocessos obscurantistas patrocinados no governo Jair Bolsonaro (PL), poucos foram tão acintosos quanto os que atingiram a agenda dos direitos humanos. Não por acaso. O ex-presidente tem pelo tema nada além de desprezo. É um político que não se vexa de idolatrar o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, personagem abjeto da ditadura militar reconhecido pela Justiça como torturador. Sob Bolsonaro, avanços civilizatórios foram tratados como estorvos, enquanto o preconceito e a discriminação receberam incentivo. Reverter essa dinâmica é uma das primeiras tarefas de Silvio Almeida à frente do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Escolha imponente do atual governo. Em seu discurso de posse, ele não deixou dúvidas sobre a mudança de tom na pasta. (FSP, No século 21, 07/01/23)

O Enaltecimento da consolidação da democracia foi o quinto enquadramento mais recorrente, ele aparece no período após Lula vencer as eleições de 2022, é importante mencionar que Bolsonaro não aceitou o resultado das eleições imediatamente e que em seguida seus apoiadores sinalizavam aversão e questionavam a validade das eleições, o que resultou no ataque à Praça dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023, o jornal já tratava da temática da consolidação da democracia apoiando o resultado eleitoral.

A sexta posição de frequência ficou com o enquadramento a respeito das Expectativas positivas em relação à Lula que superaram quantitativamente o enquadramento Expectativas positivas em relação ao governo Bolsonaro. Temáticas como o respeito à democracia e meio ambiente foram abordadas na cobertura dedicada a Lula, geralmente de forma favorável ao petista. Na mesma proporção quantitativa estão as críticas às manifestações antidemocráticas, quando a Folha criticou a não aceitação do resultado das eleições de 2022 por Bolsonaro, seus aliados e simpatizantes, e demonstrou nesse momento o apoio a Lula e seus aliados.

Em nosso último jornal aqui analisado, *O Globo* (tabela 4), o enquadramento mais frequente foi o Indicação de posicionamento político e direcionamento de pautas de governo, esse enquadramento foi presente no pré-governo e no governo Bolsonaro, assim como no pré-governo Lula, sendo muito mais recorrente quando Lula assume o poder em 2023. Em 2018 havia uma expectativa de que o direitista conduzisse reformas não realizadas nos governos petistas e não finalizadas no governo de Michel Temer.

No pronunciamento, fixou bases de uma política econômica liberal, como se esperava. Nas entrevistas, a intenção de aprovar alguma parte da reformada Previdência encaminhada pelo governo Temer ao Congresso. O atual presidente já havia acenado com esta possibilidade ao futuro sucessor, ainda durante a campanha

eleitoral. Gesto oportuno, porque os 13 anos de lulopetismo no poder impediram reformas em aspectos essenciais do desequilibrado e injusto sistema previdenciário brasileiro. (...) O fim do longo período de poder petista cria uma chance real para esta reforma estratégica. E, quanto mais cedo, melhor, porque já se vai para o sexto ano consecutivo de déficit primário, fator de constante degradação das expectativas sobre o futuro fiscal do país. (...) É preciso pressa. Não só para sinalizar a descompressão no Tesouro, mas muito também devido à péssima situação de caixa de estados e grandes municípios, em que os gastos previdenciários estrangulam as finanças de governadores e prefeitos. É parte da proposta original do governo Temer que os entes federativos terão seis meses para adequar às mudanças aprovadas pelo Congresso. Caso não o façam, as alterações serão compulsórias. Se valera norma, será a salvação da Federação. (GLB, Reforma da previdência requer pressa, 31/10/18)

Tabela 4 – Enquadramentos O Globo

Enquadramento	Pré-Bolsonaro	Governo Bolsonaro	Pré-Lula	Governo Lula	Total
Críticas a Bolsonaro	3	3	5	3	14
Críticas ao PT e a Lula	2	1	0	3	6
Críticas às manifestações antidemocráticas	1	0	6	1	8
Indicação de posicionamento político e direcionamento de pautas de governo	6	3	4	10	23
Expectativas positivas em relação a Bolsonaro	3	0	0	0	3
Expectativas positivas em relação a Lula	0	0	2	1	3
Enaltecimento da consolidação da democracia	1	1	3	3	8
Apoio e aprovação aos aliados	3	1	1	1	6

Fonte: Elaboração os autores

No O Globo foi bem frequente o enquadramento “Críticas às manifestações antidemocráticas”, ele aparece uma vez após a eleição de Bolsonaro e seis vezes após a eleição de Lula, devido a não aceitação do resultado por parte dos bolsonaristas, e mais uma vez já no governo Lula, um exemplo foi o editorial Brasil tem dever de repudiar Capitólio dos caminhoneiros (GLB, 1/11/2022):

Até o fechamento desta edição, o presidente Jair Bolsonaro não havia se manifestado sobre a derrota para o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva no domingo. Mas bolsonaristas — decerto supondo contar com a aprovação tácita de Bolsonaro — já punham em marcha desde a véspera a mesma estratégia de Donald Trump nos Estados Unidos para criar confusão e contestar o resultado (GLB, 1/11/2022).

Em relação às ao enquadramento Expectativas positivas em relação a Lula e Expectativas positivas em relação a Bolsonaro, é quantitativamente igual para os dois, o que demonstra uma certa ponderação em relação aos dois opositores.

Uma pauta bastante debatida pelos editoriais de O Globo foram as ações de Lula ao ser eleito em 2022, no que toca às políticas voltadas ao meio ambiente, com tons de aprovação, ao contrário do tratamento dado a Bolsonaro nesse tema. Entretanto, as incertezas em relação à gestão de Lula foram mais recorrentes do que em relação ao início do governo Bolsonaro, tratado no período pós-eleição de 2018 com maior cordialidade, e o apoio aos aliados de Bolsonaro superou o apoio aos aliados de Lula.

Conclusões

Em nossa análise verificamos que nos três jornais analisados, Folha de S.Paulo, Estado de São Paulo e O Globo, o enquadramento mais predominante, somados os quatro períodos, foi “Indicações de posicionamento político e de pautas de governo”, com 86 textos totais. Isto significa que a temática mais recorrente nos editoriais analisados é o posicionamento dos jornais sobre o que esperam de realizações dos governos que se iniciam. Considerando os períodos referentes a Bolsonaro e Lula, a distribuição é equilibrada no Estadão com 19 textos para Bolsonaro e 18 para Lula, a Folha segue o mesmo padrão e dedica 14 para Bolsonaro e 12 para Lula. Já O Globo inverte e 9 para Bolsonaro e 14 para Lula.

O posicionamento liberal e reformista fica evidente nesse enquadramento, sendo comum nos três jornais analisados. Importante ressaltar que tal perspectiva fiscalista está comumente atrelada a grupos políticos mais favorecidos pela grande imprensa, como pode ser observado pelo tratamento mais

benevolente dado a Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e Michel Temer (MDB), ambos comprometidos com medidas econômicas ortodoxas. Do ponto de vista da ideologia política, estes grupos são comumente posicionados como centro democrático, repetidamente defendido pelos jornais.

O segundo enquadramento predominante no O Globo e na Folha de S. Paulo foi as “Críticas a Jair Bolsonaro”, seja no que diz respeito a seu radicalismo ou às suas ações como presidente no período analisado. Nos três jornais, esse enquadramento reúne 44 textos, ocupando a segunda posição em número total de publicações e refutando nossa hipótese inicial. A respeito deste resultado algumas ressalvas são necessárias: à luz da literatura, do recorte temporal da pesquisa e da organização dos dados.

Embora a bibliografia especializada demonstre que o jornalismo *mainstream* do Brasil apresenta maior aversão à esquerda, esses estudos estão fundamentados em um contexto pós redemocratização, marcada pela dualidade entre PSDB e PT na disputa pela presidência. Isto é, dois partidos alocados no campo democrático, sendo o primeiro considerado de centro e bem quisto pela imprensa.

Outra ressalva importante diz respeito ao período analisado nesta pesquisa. Trata-se de um recorte temporal curto que estabelece limitações para diagnósticos generalizantes, portanto, a combinação de um recorte estreito e de um representante político que extrapola os limites da democracia e despreza o papel da imprensa contribuiu para uma maior rejeição ao representante da extrema-direita nesses dois jornais.

Por fim, é necessário lançar luz ao fato que a rejeição que os dados agregados por jornal demonstram em maior número contra Bolsonaro no caso de O Globo e Folha são resultado de uma cobertura negativa do ex-presidente após a eleição de Luiz Inácio em 2022. Isto é, no período “pré-Lula” Jair Bolsonaro recebeu mais críticas do que o candidato eleito e seu partido, com pico de 8 editoriais no Estado de S. Paulo. Em contrapartida, durante o período pré-Bolsonaro e Governo Bolsonaro os números são menos, demonstrando uma cobertura inicial benevolente. Portanto, o aumento das críticas a Bolsonaro está mais relacionado ao desempenho político no Palácio do Planalto, principalmente na gestão da pandemia do Covid-19, do que a suas filiações ideológicas, que estavam presentes desde 2018.

Já no caso do Estado de S. Paulo, o segundo enquadramento com mais textos foi Críticas ao PT e a Lula, que nos três jornais reúne 30 textos. Esta distinção para com os demais jornais corrobora nossa

segunda hipótese sobre o maior antipetismo no Estadão, com 17 textos negativos para Lula e o PT frente a 7 da Folha e 6 do Globo. Chama atenção que mesmo no período “pré-Bolsonaro”, quando Lula estava preso, o jornal publicou três textos criticando o ex-presidente.

A preocupação com a democracia brasileira também foi um tema predominante nos jornais em dois enquadramentos. São eles: Enaltecimento e consolidação da democracia, baseado nos questionamentos sobre a urna eletrônica e fraudes nas eleições, e Críticas às manifestações antidemocráticas, que destaca a preocupação com a demora de Bolsonaro e de seus aliados em 2022 a reconhecerem a vitória do opositor, fortalecendo manifestações antidemocráticas.

Portanto, considerando os resultados apresentados, a primeira hipótese sobre o representante da esquerda receber um tratamento mais negativo que o de direita logo após as eleições não se confirmou, com ressalvas importantes apresentadas acima. Isto é, a ênfase crítica está à extrema-direita brasileira e seu líder Jair Bolsonaro, embora também seja notória uma insatisfação dos jornais com a esquerda, especificamente o Partido dos Trabalhadores e Lula. E no que diz respeito a cobertura do Estado de S. Paulo, houve maior ocorrência de enquadramentos negativos à esquerda? Sim, o jornal paulistano apresentou mais do que o dobro de textos negativos para os representantes da esquerda do que os demais jornais.

Apesar de Bolsonaro acumular maior quantidade total de textos críticos (44), Lula e o PT (30) recebem maior quantidade em um mesmo período e jornal, são nove editoriais negativos publicados pelo Estadão no período “Governo Lula”. Outro aspecto interessante, do ponto de vista da cobertura e do seu impacto na opinião pública é que a maior quantidade de textos negativos sobre Bolsonaro se concentra no período do governo Lula, isto é, o legado de Bolsonaro recebeu mais críticas da imprensa do que suas propostas de governo, revelando maior desapontamento do que escolha ideológica.

Referências

AELST, P. V. WALGRAVE, S. 2016. Information and Arena: The Dual Function of the News Media for Political Elites. *Journal of Communication*. *Journal of Communication*, v. 66, n. 11, p. 496-518.

ARCENEAUX, KEVIN. et al. The influence of news media on political elites: investigating strategic responsiveness in Congress. *American Journal of Political Science*, v. 60, n. 1, p. 5-29, 2016.

ALBUQUERQUE, A. Political Parallelism. In: Oxford Research Encyclopedia of Communication, 2018.

ALBUQUERQUE, A. Protecting democracy or conspiring against it? Media and politics in Latin America: A glimpse from Brazil. *Journalism*, v. 20, n. 7, p. 906–923, 2019.

ALBUQUERQUE, A. O papel da imprensa no debate público: impasses contemporâneos. *Cadernos Adenauer*, n. January, p. 11–25, 2019.

ALBUQUERQUE, A. Protecting democracy or conspiring against it? Media and politics in Latin America: A glimpse from Brazil. *Journalism*, v. 20, n. 7, p. 906–923, 2019.

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social Media and Fake News in the 2016 Election. *Journal of Economics Perspective*. v. 31, n. 2, p. 211–236, 2017.

AZEVEDO, F. A. A Grande Imprensa e o PT: 1989-2014. São Carlos: EDUFSCar, 2017.

AZEVEDO, F. A. PT, eleições e editoriais da grande imprensa (1989-2014). *Opinião Pública*, v. 24, n. 2, p. 270–290, 2018.

BIROLI, F.; MANTOVANI, D. A parte que me cabe nesse julgamento: A Folha de S. Paulo na cobertura ao processo do “mensalão”. *Opinião Pública*, v. 20, n. 2, p. 204–218, 2014.

BLUMLER, J.; KAVANAGH, D. The Third Age of Political Communication. *Political Communication*, 16. p. 209–230, 1999.

CAMMAERTS, B. To avoid mistakes like banning the Napalm girl photo, Facebook needs to start acting like social ‘media’. In: Independent. 09 set. 2016. Disponível em: [https://www.independent.co.uk/voices/facebook-napalm-girl-vietnam-picture-started-actinglike-media-a7234451.html](https://www.independent.co.uk/voices/facebook-napalm-girl-vietnam-picture-started-acting-like-media-a7234451.html). Acesso em: 09 fev. 2019

CAMPOS, F. S. S.; Araújo, B. Enquadramentos da Reforma da Previdência: uma análise de editoriais dos jornais O Globo e O Estado de S. Paulo sobre a PEC 287. *Compolítica*, v.10, n.1, p. 109–136, 2020. <https://doi.org/10.21878/compolitica.2020.10.1.294>

CARLISLE J. E.; PATTON. Is Social Media Changing How We Understand Political Engagement? An Analysis of Facebook and the 2008 Presidential Election. *Political Research Quarterly*, v. 66, p. 883-895, 2013.

CERQUEIRA, C.; MOLITERNO, D. “Disputa entre Lula e Bolsonaro é a eleição para presidente mais acirrada da história”. CNN Brasil,. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/disputa-entre-lula-e-bolsonaro-e-a-eleicao-para-presidente-mais-acirrada-da-historia/> Acesso em: 04/09/2023.

DAHL, R. A. *On political equality*. Yale University Press, 2006.

DOWNS, A. An Economic Theory of Political Action in a Democracy. *Journal of Political Economy*, v. 65, n. 2, pp. 135-150, 1957.

DRUMMOND, D. R. et al. A narrativa do impeachment de Dilma Rousseff nas páginas dos jornais brasileiros. *Compolítica*, v. 8, n. 2, p. 69–100, 2018.

EILDERS, C. The impact of editorial content on the political agenda in Germany: theoretical assumptions and open questions regarding a neglected subject in mass communication research. Wissenschaftszentrum Berlin für Sozialforschung gGmbH, 1997.

ENTMAN, R. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, vol. 43, n° 4, p. 51-58, 1993

FENTON, N. Post-Democracy, Press, Politics and Power. *The Political Quarterly*, v. 87, n. 1, p. 81–85, 2016.

FERRARA, E.; VAROL, O.; DAVIS, C.; MENCZER, F.; FLAMMINI, A. The Rise of Social Bots. *Communications of the ACM*, v. 59, n. 7, p 96–104, 2016.

FERES JÚNIOR, J.; SASSARA, L. D. O. O cão que nem sempre late: o Grupo Globo e a cobertura das eleições presidenciais de 2014 e 1998. *Compolítica*, v. 6, n. 1, 2016.

FERES JÚNIOR, J.; SASSARA, L. de O. Failed Honeymoon: Dilma Rousseff's Third Election Round. *Latin American Perspectives*, v. 45, n. 3, p. 224–235, 2018.

FLAXMAN, S; GOEL, S.; RAO, J. Filter bubbles echo chambers, and online news consumption. *Public Opinion Quarterly*, v. 80, p. 298–320, 2016.

FUKS, M.; MARQUES, P. H. Contexto e voto: o impacto da reorganização da direita sobre a consistência ideológica do voto nas eleições de 2018. *Opinião Pública*, v. 26, n. 3, p. 401–430, 2020.

GAGLIARDI, J.; TAVARES, C. Q. “A Very Difficult Choice”: Bolsonaro and Petismo in Brazilian Newspapers. *International Journal of Communication*, v. 17, n. 153020, p. 583–601, 2023.

GERBAUDO, P. Social media and populism: an elective affinity? *Media, culture & Society*, v. 40 , n. 5, 2018.

GOFFMAN, E. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Editora Vozes,2012.

GOLDSTEIN, A. La prensa brasileña y sus ‘cruzadas morales’: Un análisis de los casos del segundo gobierno de Lula da Silva. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, v. 60, n. 2, p. 395-435, 2017.

GUAZINA, L.; PRIOR, H.; ARAÚJO, B. Enquadramentos de uma crise: o impeachment de Dilma Rousseff em editoriais nacionais e internacionais. In: Congresso da Associação Brasileira de

Pesquisadores em Comunicação e Política – COMPOLÍTICA, VII, 2017, Porto Alegre. Anais VII Compolítica, Porto Alegre, 2017. Disponível em: http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2017/06/GUAZINA_PRIOR_ARAUJO_ENQUADRAMENTOS-DE-UMA-CRISE.pdf Acesso em: 27 set. 2023.

HALLIN, D. C.; MANCINI, P. Comparing Media Systems: Three models of media and politics. Cambridge: Cambridge University Pres, 2004.

HAMILTON, A.; JAY, J.; MADISON, J.. O federalista. Trad. Hiltomar Martins Oliveira. Belo Horizonte: Líder, 2003.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 272 p.

MAIA, R. Debates públicos na mídia: enquadramentos e troca pública de razões. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 2. Brasília, 2009.

MAIA, R; CHOUCAIR, T.; Sanglard. Análise de enquadramentos. In: Maia, R. Métodos de pesquisa em comunicação política. Salvador: UFBA, 2022.

MANIN, Bernard. Principles of Representative Government. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MARQUES, F. P. J.; MONT'ALVERNE, C. A opinião da empresa no Jornalismo Brasileiro: Um estudo sobre a função e a influência política dos editoriais. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 12, n. 1, p. 121–137, 2015.

MCCHESNEY, R. W. Journalism is dead! Long live journalism? – Why democratic societies will need to subsidise future news production. Journal of Media Business Studies, v. 13, n. 3, p. 128–135, 2016.

MELLO, P.C. A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MENDONÇA, R.F.; SIMÕES, P. G. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, [s.l.], v. 27, n. 79, p.187-201, jun. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-6909201200020001>

MONT'ALVERNE, C.;MARQUES, F. P. J.A. Jornalismo Político e Imagem Pública: Dilma Rousseff nos editoriais do jornal O Estado de S. Paulo. Contracampo, v. 28, p. 92-115, 2013.

MUNDIM, P. S. Rediscutindo o papel da imprensa nas eleições presidenciais de 2006: os efeitos foram realmente limitados? Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.29, n.86, p. 91-161, 2014

MUNDIM, Pedro Santos et al. Viés noticioso e exposição seletiva nos telejornais brasileiros durante a pandemia de COVID-19. *Opinião Pública*, v. 28, p. 615-634, 2023.

NICOLAU, 2020. *O Brasil dobrou à direita: Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018*. 1^a ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020, p. 144.

NIEBORG, D. B.; POELL, T. The platformization of cultural production: Theorizing the contingent cultural commodity. *New Media & Society*, v. 20, n. 11, p. 4275-4292, 2018.

PRIOR, H.; ARAÚJO, B. Media e populismo: Enquadramentos das imprensa brasileira e estrangeira na eleição de Jair Bolsonaro. In: Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VIII COMPOLÍTICA), Brasília. Anais do VIII COMPOLÍTICA, 2019. Disponível em: http://ctpol.unb.br/compolitica2019/GT8/gt8_Prior_Araujo.pdf Acesso em 20 de ago. 2023.

PRIOR, H.; ARAÚJO, B. Framing Political Populism: The Role of Media in Framing the Election of Jair Bolsonaro. *Journalism Practice*, v. 0, n. 0, p. 1–17, 2020.

PRIOR, H. Mediocracia: comunicação e política na era da mediatização. 1^a edição, mediaksi | Formalpress: Porto, 2021.

PRUDENCIO, K.; RIZZOTTO, C.; SAMPAIO, R. C. A normalização do golpe: o esvaziamento da política na cobertura jornalística do “impeachment” de Dilma Rousseff. *Revista Contracampo*, v. 37, n. 2, p. 8–36, 2018.

SANTOS, F.; SZWAKO, J. “Da ruptura à reconstrução democrática no Brasil”. In: *Saúde debate*, Rio de Janeiro. v. 40, p. 114-121, 2016.

SEYMOUR-URE, C. *The Political Impact of Mass Media*. London: Constable & Robinson, 1974.

SILVA, G. et al. Análise da apuração jornalística na cobertura da posse de Jair Bolsonaro. *Revista Novos Olhares*. v. 9, p. 7-20, 2020.

SINGER, A. A reativação da direita no Brasil. *Opinião Pública*. v. 27, p. 705–729, 2021.

VAN DIJK, T. A. How Globo media manipulated the impeachment of Brazilian president Dilma Rousseff. *Discourse and Communication*, v. 11, n. 2, p. 199– 229, 2017.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. *The platform society : Public values in a connective world*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

VIEIRA, L; FERES JR, J; CAVASSANA, F. A Imprensa se move. Rio de Janeiro, 2024 [Manuscrito]

WAISBORD, S. Truth is What Happens to News: On Journalism, Fake News, and Post-Truth. *Journalism Studies*, v.19, n.13, p. 1866–1878, 2018.

Notas

Este estudo foi financiado pela FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI E-26/204.330/2021.

Uma versão anterior do trabalho foi apresentada no 10º Compolítica, realizado em Fortaleza, 2023.

Sobre as autoras

Daniela Rocha Drummond é Professora na Universidade Federal do Pampa. Diretora da Regional Sul da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP). Fez pós-doutorado no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: daniela.imprensacwb@gmail.com.

Francieli Manginelli é Doutoranda em Sociologia no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), graduada em Ciências Sociais também pela UFPR. E-mail: franmanginelli@gmail.com.

Lidiane Rezende Vieira é Doutora e Mestre em Ciência Política no IESP-UERJ, graduada em Ciência Política pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (CCJP-UNIRIO). Atualmente é bolsista CNPq de pós-doutorado no grupo de pesquisa Laboratório de Mídia e Política (LEMEP) e pesquisadora do grupo de Pensamento Político Brasileiro e Teoria Política (Beemote). E-mail: lidianerevieira@gmail.com.

Data de submissão: 08/03/2023

Data de aprovação: 16/03/2025